



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL

Falando de "araponga"...

No regime dos coturnos, a censura e a repressão pisaram fundo. Foram implacáveis. Suspeitos - fossem eles quem fossem - de tramarem contra o sistema eram presos e, muitas vezes, depois dos porões, até desaparecidos.

Foi um tempo em que era proibido falar verdades. As produções artísticas que as repercutiam, eram o inimigo número um do sistema que pariu o AI-5. O segmento teatral, com sua linguagem revolucionária, provocante, sofreu especial perseguição e, por isso mesmo, a paranóia habitava seus corações e suas mentes. O medo de ter "arapongas", agentes do SNI infiltrados no seu meio, no entanto, era real. No teatro, por exemplo, expoentes como Dias Gomes, Oduvaldo Vianna, Plínio Marcos, Chico Buarque e Millôr Fernandes eram vigiados pelos camuflados bem de perto. Peças como "Calabar", "Dois perdidos numa noite suja", ou ainda "O santo inquérito" e "Liberdade liberdade" foram sumariamente proibidas. Enquanto prisões se sucediam, aumentava nas pessoas a paranóia de serem presas e desaparecidas. Desconfiava-se de qualquer estranho no ninho.

E não é que em 1979, em Montes Claros, ainda que distante da turbulência política dos grandes centros, a paranóia dos arapongas nos atingiu? Foi durante os ensaios de "A formiga que queria ser cidade e virou princesa", pelo Tapuia, grupo que reunia mais de 30 integrantes. Tudo começou quando um jovem de vinte e poucos anos, após assistir a vários de nossos ensaios, pediu para ser integrado ao elenco. Reginauro Silva e Raimundo Mendes acharam o cara estranho demais. Afinal, nenhum de nós o conhecia. Nem de vista. Mais estranho seria o fato de que aparecera do nada. Como num passe de mágica.

- Nos dias de hoje, sei não, pode ser um araponga!

Reginauro Silva e Raimundo Mendes, ambos com familiares

vitimados pela repressão, temiam colocarmos no elenco um forasteiro que poderia ser muito bem um informante do regime.

O estranho rapaz, afinal, foi aceito. Ele participava especialmente de uma cena em que apareciam as prostitutas que tornaram a cidade celebrizada pelos seus bordéis no início do século XX - e que mantinham estreitas relações com os poderosos de então.

O tempo correu e acabamos por não mais temê-lo. Afinal, araponga ou não, ele certamente percebeu que não havia entre nós reuniões subversivas, debate político, teoria da conspiração, plano de derrubada do regime, de explosão de bombas, de assalto a bancos ou coisa que o valha. Éramos apenas um grupo de teatro. Um grupo insuspeito, do interior de Minas, que ensaiava uma peça insuspeita, com apresentação insuspeita marcada para maio de 1979, na inauguração do Centro de Cultura Hermes de Paula. Tudo que queríamos era fazer teatro, divertir o povo. Nada de política.

Enfim, apresentamos a peça e após algumas temporadas o elenco se dispersou. O nosso "misterioso ator" - que Régis e Rai cismaram que seria do SNI -, sumiu tal como apareceu. Num passe de mágica. Nunca mais o vimos. Hoje, imagino o relatório que teria passado aos seus superiores, fosse ele realmente um araponga do SNI:

Concluindo, senhor general, quanto aos elementos do Grupo Tapuia e ao conteúdo da peça, nada de subversivo pude constatar. A não ser que o senhor entenda como alusão ao regime, uma piada de mau gosto, a coincidência de a peça mostrar os poderosos transformando uma promissora terra brasileira num grande puteiro".

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



